

## Lei e ordem ou política democrática?

Negros e latinos podem determinar o retorno dos democratas à Casa Branca. Eles sabem que a expressão "lei e ordem" em geral significa tão somente a repressão de suas comunidades

Fabio de Sa e Silva

14 de outubro de 2020

BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS



Estratégia dos republicanos liderados por Trump é estigmatizar as manifestações por igualdade racial como expressões de “desordem”, que devem ser contidas pelo uso da força.

“O motivo é que os democratas que governam essas cidades não querem falar, como você, sobre lei e ordem. E você até agora não mencionou.... Você é favorável à lei e ordem?”, indagou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao seu oponente, o democrata Joe Biden, durante o primeiro debate presidencial das eleições de 2020. Na ocasião, os candidatos discutiam os conflitos de fundo étnico-racial, que fazem as manchetes recentes em várias cidades norte-americanas.

A fala de Trump reflete a estratégia que a campanha republicana tem adotado de estigmatizar as manifestações por igualdade racial como expressões de “desordem”, que devem ser contidas pelo uso da força. Como se sabe, isso tem levado Trump a esgarçar o federalismo norte-americano, enviando tropas federais para cidades do país sem solicitação prévia ou até mesmo contra a vontade de autoridades locais. A retórica é, como se sabe, antiga e talvez universal. Em São Paulo, já atendeu pelo slogan de “ROTA na rua” e no governo Bolsonaro – que tem em Trump uma referência – volta e meia aparece sob o signo de “bandido bom é bandido morto”.

Também é antigo o seu uso – e abuso – para a fabricação e perseguição de inimigos e a obtenção de dividendos político-eleitorais por políticos inescrupulosos.

Biden não precisa dar demonstrações de bom-mocismo para o público americano. Não obstante a tentativa de Trump de pintá-lo como um “radical” (no mesmo debate, Trump qualificou as propostas democratas para a saúde como tentativa de “socialização da medicina”), tanto Biden quanto sua vice, Kamala Harris, têm conhecido passado de apoio a políticas repressivas e que respondem pela dramática trajetória de encarceramento em massa experimentada nos Estados Unidos ao longo das últimas décadas. Mas Biden tampouco atendeu a provocação de Trump (disse que apoia lei e ordem com “justiça”; o que Trump tomou – e denunciou – como uma recusa de sua fórmula).

Não se pode descartar a hipótese de que o democrata agiu por mera estratégia eleitoral. Negros e latinos, cujos votos podem ser determinantes no retorno democrata à Casa Branca, sabem bem que “lei e ordem” em geral significa tão somente a repressão de suas comunidades. Mas será bom se tiver agido, também, por convicção. Não porque os Estados Unidos vivam dias de paz e estabilidade, o que os jornais desmentem e continuarão a desmentir após as eleições. Mas sim porque o uso da força não opera – se é que algum dia já operou – senão como recurso para resolver a atual instabilidade em favor de um lado; o lado mais forte. Assim, não consiste em lei – cujo fundamento moral, em uma República liberal, é a igualdade de todos e todas – e nem em ordem. Trata-se de exercício puro e simples de poder.

A força em questão, aliás, sequer precisa vir do poder público. No mesmo debate, Biden provocou Trump a denunciar os grupos que advogam por supremacia branca e que têm antagonizado com os manifestantes do movimento “Vidas Negras Importam” (Black Lives Matter). Trump não apenas se referiu a um desses grupos (o “Proud Boys”) pelo nome, em sinal de proximidade, mas também pediu que “se afastassem” (stand back) mas “ficassem “a postos” (stand by).

As atuais tensões raciais têm raízes mais profundas, difíceis de se compreender – para quem, como a maioria de nós, se acostumou a pensar nos Estados Unidos como um “melting pot” – e impossíveis de se resumir em um texto de opinião. Dois fatores, porém, podem ser destacados.

O primeiro é a persistência de estruturas discriminatórias, sobretudo no sistema de justiça criminal – o mesmo que Trump quer mobilizar para trazer de volta “a paz”. O segundo é o estresse econômico a que as classes média e média-baixa do país estão submetidos há três ou quatro décadas quando, em função de políticas neoliberais subscritas por republicanos e democratas, as possibilidades e perspectivas de mobilidade social foram fortemente achatadas para milhões de aspirantes ao “sonho americano” – a maior parte de brancos do meio oeste; situação que deve ser agravada pela previsão de uma recuperação em “K” após a pandemia do novo coronavírus.

Nesse contexto, é fundamental que – na hipótese de sagrar-se vencedor das eleições – Biden tenha a compreensão de que o contexto pede não a “lei e ordem”, mas o exercício da política democrática, que leve à construção um novo “New Deal” e ofereça à grande maioria de um país em franca transição demográfica a segurança de que “sim, é possível” viver junto, em um país diverso e próspero.

[1] Instituição que equivale à Polícia Militar brasileira, mas que também faz investigações

[2] Esta porcentagem chegou a cair para 24% em 2007, dois anos após a implementação da reforma, mas subiu em razão de alterações legislativas conhecidas como “Contrarreforma”. Ver [http://www.dpp.cl/resources/descargas/revista93/revista93\\_N20.pdf](http://www.dpp.cl/resources/descargas/revista93/revista93_N20.pdf)

#### **Fabio de Sa e Silva**

Professor Assistente de Estudos Internacionais e Professor Wick Cary de Estudos Brasileiros, Universidade de Oklahoma (EUA).

---

<https://www.fontesegura.org.br/seguranca-no-mundo1/6zgmde9kfj>

